



Evento	Salão UFRGS 2020: SIC - XXXII SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2020
Local	Virtual
Título	Práticas de Assistência ao Parto: Entendendo a Violência Obstétrica
Autor	SARAH MARIA DOS SANTOS AHNE
Orientador	CAMILA GIUGLIANI

Práticas de Assistência ao Parto: Entendendo a Violência Obstétrica

Autora: Sarah Maria dos Santos Ahne

Orientadora: Camila Giugliani

Instituição de origem: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Justificativa: O parto, evento fisiológico e por séculos essencialmente domiciliar, tornou-se, na sociedade moderna, um procedimento médico-hospitalar. Esse contexto provocou o uso de práticas rotineiras inadequadas, desumanizadas e, com frequência, sem evidência científica. Estima-se uma prevalência de 25% a 87% de violência obstétrica no Brasil (Venturi et al. 2010; Andrade et al. 2016). Essas práticas, muitas vezes, trazem riscos à saúde da mãe e do bebê, geram trauma e ferem os direitos humanos de quem carrega a espécie no ventre. **Objetivo:** Avaliar a associação existente entre a percepção de violência obstétrica e práticas assistenciais que violam as recomendações de cuidado à parturiente. **Metodologia:** Estudo transversal com 287 puérperas atendidas em duas maternidades de grande porte, uma pública e outra privada, de Porto Alegre - RS. Foram selecionadas aleatoriamente mulheres que tiveram recém-nascido a termo e sem intercorrências neonatais. Aproximadamente 30 dias após o parto, foi aplicado questionário estruturado nos seus domicílios. A percepção de violência obstétrica foi aferida com a pergunta: “Em algum momento, você se sentiu desrespeitada, humilhada ou maltratada pelos profissionais de saúde?”. Essa variável foi cruzada com outras relacionadas às práticas assistenciais, por meio de Teste Exato de Fisher. **Resultados:** 12,5% das mulheres tiveram a percepção de violência obstétrica durante algum momento da assistência ao parto. Dentre as variáveis estudadas, foi encontrada diferença estatisticamente significativa nas seguintes, com maior frequência nas mulheres que referiram ter sido desrespeitadas, maltratadas ou humilhadas: não se sentir à vontade para fazer perguntas, esclarecer dúvidas e participar nas decisões (33% x 13%; $P = 0,006$), pedir analgesia e não ser atendida (31% x 12%; $P = 0,02$) e não ter privacidade no local de parto (37% x 13%; $P = 0,001$). **Conclusões:** Este estudo demonstrou a importância de abordar essas práticas na assistência ao parto, a fim de se combater qualquer forma de violação dos direitos das mulheres.